

marginalizadas pela ditadura que ajudaram a instalar. Os militares as apartaram, já não precisavam delas. Amélia não conta, mas provavelmente algumas terão se tornado, a

partir de 1968, digamos, militantes da causa democrática.

Assim é a breve história do feminismo no Brasil de Maria Amélia de Almeida Teles.

JOEL RUFINO DOS SANTOS ■

Contrapassos da latinidade

¿ Y Nosotras Latinoamericanas? Estudios sobre género e raza.

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (org.)

São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1992, 86 p.

Não é nova a busca dos conteúdos de uma identidade latino-americana entre nós. Ela tem sido objeto de inúmeras reuniões, colóquios, seminários Internacionais... No mais das vezes, constroem-se diálogos bem intencionados que tentam lançar as vigas de uma ponte utópica, por levantar. Da visão revolucionária do Che aos mecanismos econômicos que presidem à criação de zonas de livre-comércio, mais ou menos bem sucedidas, os esforços somam na direção de apontar caminhos para destrinchar o dédalo dessa identidade latino-americana.

Com a publicação dos textos apresentados por ocasião do Encontro Latino-Americano sobre Género e Raza, promovido pela Centro Brasileiro de Estudos da América Latina, da Fundação Memorial da América Latina, e pelo Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos, da ECO/UFRJ, os alicerces desse projeto ganham solidez. As diferenças nos processos históricos, nas identidades culturais e lingüísticas, na composição étnica, mostram o quanto é difícil, mas não menos sedutor, pensar nossa latinidade. O desafio é grande pois, como afirmam Flores e Yudice, no artigo *Fronteiras Vivas/Buscando América: as línguas da formação latina*, "os latinos, essa mistura tão heterogênea de raças, classes e nacionalidades, são diferentes tanto das etnias 'mais antigas' quanto das novas. Os latinos nem mesmo compreendem uma 'etnia' relativamente homogênea", são antes "combinações raciais e nacionais" (p.69).

É discutindo etnicidade como prática (Flores e Yudice, p.81) e gênero também como

prática que os autores dessa coletânea pensam a América, elo genuíno da nossa heterogeneidade. Nesse sentido, a contribuição maior e mais original dos 11 artigos que compõem esses estudos sobre gênero e raza, e que tratam de espacialidades e temporalidades históricas distintas, reside, no nosso entender, em transfigurar a latinidade em configurações específicas que tomam as relações entre os sexos e entre brancos e negros na construção da nossa América (já que a questão racial não incorpora verdadeiramente os índios, mostrando que a diversidade étnica continua no limbo do pensamento contemporâneo, a não ser em algumas sociedades onde essa contradição revela-se antagonica, como no Canadá e no Québec).

É sem dúvida no artigo de Hilary Beckles que melhor apreende-se a imbricação da raza e do gênero, desta vez na desconstrução dos estereótipos coloniais e na desmistificação de uma eventual e oportuna solidariedade entre oprimidos e excluídos. Contestando a visão vulgar de que as mulheres brancas seriam anti-escravistas em função do seu sexo dominado e subordinado a uma ordem patriarcal, Beckles mostra com brilho que elas foram, no Caribe, agentes colonizadores ativos, embora não fossem legalmente livres como os homens brancos. Disponham de alguma autonomia que lhes era dada pela sua condição de classe e pela sua cor, podendo atuar na periferia da economia urbana ainda pouco desenvolvida. Serviam-se da escravidão para assegurar estratégias de sobrevivência autônoma no interior de uma sociedade colonial e patriarcal, apoiando-se na sua supremacia racial. É na explicitação da alquimia entre categorias de gênero e raza, ora hegemônicas, ora subordinadas, que consiste o grande interesse de *¿ Y Nosotras Latinoamericanas?*

Os textos de Jean Franco, Elena Urrutia e Marisa Navarro Aranguren analisam os proces-